

SOBRE CAVERNAS, CORRENTES E ASAS: TECNOLOGIAS,

ARTE E AUTOCONHECIMENTO

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Keytlin Viamontes e Juliana Leal

Derrubar as barreiras que existem entre o acesso à arte e os diversos contextos socioculturais, ainda desiguais, se torna um exercício árduo para quem, diariamente, precisa fugir de cavernas e/ou correntes que foram construídas e/ou impostas por meio de todo tipo de alienação ou de privação. A partir de um diálogo metafórico com o Mito da Caverna, por meio do qual o filósofo grego Platão separa o mundo em duas realidades: a sensível, que é percebida pelos sentidos (plano das formas), em que as sombras prevalecem sobre a “verdade” e dentro da qual a maioria das pessoas se encontra presa; e a inteligível (plano das ideias), atributo de poucos, pois nela reside a busca do indivíduo por sua elevação intelectual, intencionamos a desconstrução dessa alegoria. Dito esforço se deu a partir da ideia de que o exercício do pensamento intelectual, muitas vezes superficializado diante do uso ainda raso de uma série de tecnologias, em especial as da comunicação, pode ser potencializado pelo contato estreito com a arte (literatura, cinema, teatro, dança, etc.), o que levaria em conta, invariavelmente, a valorização do plano da percepção e dos sentidos, portanto, do corpo do indivíduo. Espaço esse considerado privilegiado e indispensável, por intermédio do qual o sujeito realiza construções de sentidos para as coisas, já que, segundo Paul Zumthor, “se pensa sempre com o corpo” (2007, p.77).

O projeto de cultura *Encontros Literários* da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – *Campus* de Diamantina/MG tem como principal objetivo democratizar e estimular tanto o acesso quanto a apreciação estética de bens artísticos e culturais. Acreditamos que a literatura e a arte, de modo mais amplo, são caminhos possíveis para a ampliação da consciência crítica da realidade do sujeito e do seu campo de percepção sobre o mundo. Trilhá-los fomenta, em nossa opinião, a redução de distâncias culturais a partir do aprendizado de si e do outro, tal e como defende Antoine Compagnon quando diz que “a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (2009, p.26). Um exercício da alteridade que se efetiva a partir do momento que a arte e o homem se escutam simultaneamente, como

assevera Paul Zumthor ao afirmar que “a leitura do texto poético é escuta de uma voz” (2007, p.87) e “ouvindo-me, eu me autocomunico. Minha voz ouvida revela-me a mim mesmo, não menos – embora de uma maneira diferente – que ao outro.” (idem). Colocando em prática tal exercício, será possível desconstruir, por exemplo, estereótipos que incitem ao racismo e



preconceitos a culturas diversas.

Atitude estigmatizadora recorrente

nos tempos atuais, nos quais a intolerância parece querer reinar sobre a solidariedade e o diálogo entre os povos.

Figura 1: III SINTEGRA/UFVJM, 22/05/2014, Diamantina-MG. Da esquerda para a direita: Calebe Ribeiro, Keytlin Viamontes, Guilherme Drumond, Franciely Cardoso, Luiz Claudio Muniz e Regiane Farias, integrantes da equipe do *Encontros Literários*.

Acreditamos que para que não apenas os aparatos tecnológicos, cujo uso é, muitas vezes, alienante, cheguem às pessoas, mas as inúmeras possibilidades que advêm do contato estreito com a arte, como por exemplo, o autoconhecimento, é preciso levá-la a todo tipo de lugar, principalmente ao tecido urbano, à rua – lugar por excelência das misturas simbólicas, das interferências polissêmicas, das contaminações culturais, dos enfrentamentos e negociações (quase sempre efêmeros) entre estranhamentos diversos, já que, seguindo uma linha de pensamento mais contemporânea, o lugar da arte não mais se restringe ao espaço enclausurante dos museus, mas sim ao “movimento da rua fervilhante” (VALERY, 1931, p.33). Assim, estando acessível às pessoas, a arte poderá ser apreciada, sem distinção, por todas e cada uma das camadas sociais existentes, tal e como defende Antonio Cândido quando diz que ela é uma necessidade universal e “fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça, até o mais requintado erudito” (1995, p.180).

Como parte das propostas intencionadas pelo projeto, o *Encontros Literários* em sua última intervenção “Sobre cavernas, correntes e asas”, na III Semana da Integração: Ensino, Pesquisa e Extensão da UFVJM, ocorrida em 22/05/2014, quis com a imagem das cavernas e das correntes representar a alienação das pessoas que decorre do uso acrítico da televisão, da internet e dos aparelhos de celulares que se convertem, às vezes, em formas exclusivas para compreensão do mundo. O resgate dos alienados na

alegoria platônica se dá a partir de um desejo de conhecimento intelectual e somente a partir dele seria possível atingir a verdade absoluta, porém, na *performance*/apresentação realizada pelo projeto, a “recuperação” desses “alienados tecnológicos”, contrariando o argumento platônico, aconteceria a partir



Figura 2: III SINTEGRA/UFVJM, 22/05/2014, Diamantina-MG. Da esquerda para a direita: Guilherme Drumond, Franciely Cardoso, Regiane Farias e Luiz Claudio Muniz, integrantes da equipe do *Encontros Literários*.

do contato com a arte, sendo este estabelecido por meio da ajuda das pessoas que se encontravam “fora da caverna” que tentavam “desconectar” ou convencê-los, com ajuda de objetos “reais” (um livro, um violão, uma flor, etc.), que o mundo é muito mais do que aquilo que se reproduz nas telinhas. Esse esforço objetivava que esses sujeitos se desvinculassem do plano das formas alienantes e se lançassem em busca da luz, ou, melhor dito, de outras “verdades”. Com esta *performance*, buscamos problematizar a importância da existência de um equilíbrio entre o uso de certas tecnologias e o contato com a arte na busca de “verdades”, no plural, partindo da ideia de que nenhuma verdade é absoluta e qualquer meio utilizado para a “descoberta” e ressignificação do mundo é válido, principalmente quando a construção do real se efetiva por meio do contato com a arte. Mas para que isto efetivamente aconteça, esta deve ser reconhecida, antes e sem restrições, como “direito inalienável” (CANDIDO, 1995, p.181) de todo ser humano.

Referências:

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

PLATÃO. O Mito da Caverna. In: *A República*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VALÉRY, Paul. O problema dos museus. Disponível em:

< <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3039/3728>>. Acesso em 6 de out., 2014.

ZUMTHOR, Paul. O empenho do corpo. In: *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.